

POR FAVOR LEIA COM ATENÇÃO

COMO GUARDAR O TEXTO

Para guardar este texto (incluindo dados adicionais) seleccione a opção GUARDAR (em inglês, SAVE) no seu browser (Explorer, Navigator...), dentro do menu FICHEIRO (em inglês, FILE).

Na opção GUARDAR COMO (em inglês, SAVE AS), também no menu FICHEIRO, poderá guardar o texto e atribuir um novo nome.

COMO IMPRIMIR O TEXTO

Para imprimir este texto (incluindo dados adicionais) seleccione a opção IMPRIMIR (em inglês, PRINT) no seu browser, dentro do menu FICHEIRO (em inglês, FILE).

Também poderá aceder a esta função seleccionando o botão de impressão (com a imagem de uma impressora), disponível na barra de ferramentas.

NOTA IMPORTANTE

Para voltar ao artigo não feche esta janela. Utilize o botão do browser RETROCEDER (em inglês, BACK), situado no lado esquerdo da barra de ferramentas.



Aga Khan IV: o príncipe xiita

Faranaz Keshavjee *

Janus 2007

Líder espiritual de cerca de 15 milhões de Ismaelitas, a segunda maior comunidade xiita do mundo, com crentes espalhados por mais de 200 países, descendente directo do Profeta Muhammad, com quase 70 anos de vida, e perto de 50 de Imamato, o Aga Khan é um homem que conhece bem e com grande profundidade as realidades dos mundos ocidental e oriental.

Com ascendência familiar que passa pelo Médio Oriente, Irão, Iraque, Índia, tendo nascido na Suíça, vivendo em França, com passaporte britânico, e com estudos em escolas ocidentais, incluindo a Universidade de Harvard, o seu enorme conhecimento do mundo resulta não apenas da vivência e história pessoal, mas também porque, ao tornar-se o líder espiritual dos Ismaelitas aos 20 anos de idade, teve a possibilidade de conhecer de perto todas as realidades em que vivem e viveram os seus fiéis, e de acompanhar, a par e passo, todas as transformações pelas quais passaram, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, e depois de todos os processos de descolonização e integração em novas realidades geográficas, sociais e políticas.

Além do trabalho que vem desenvolvendo junto dos Ismaelitas, e continuando a obra iniciada pelo seu avô, o sultão Muhammad Shah, Aga Khan III, no sentido de contribuir para a organização e modernização destas comunidades, o Aga Khan IV fundou a Rede para o Desenvolvimento Aga Khan (AKDN). Opera essencialmente nas sociedades em desenvolvimento, e em particular, nos países da Ásia, África, Afeganistão, Ásia Central, e em parceria com organizações privadas ou públicas, incluindo a Comissão Europeia, e agora o Governo português. O âmbito das intervenções da Rede cobre as áreas de combate à pobreza, cuidados de saúde primários, desenvolvimento rural, microcrédito, universidades, hospitais, academias de excelência, prémios de arquitectura, apoios para cidades históricas, entre outras. Líder de carisma religioso, o Aga Khan IV vê no seu ofício a combinação de uma responsabilidade dupla que, de resto, contrasta, por exemplo, com o exercício do papado no catolicismo. Para o Aga Khan, a vida espiritual e a vida material são “duas faces da mesma moeda”, e o equilíbrio harmonioso entre ambas, a *din* e a *dunya*, são uma “forma de vida”.

“Um dos elementos centrais da fé Islâmica é a natureza inseparável da fé e do mundo. Os dois estão tão profundamente entrelaçados que não se pode imaginar a sua separação. Eles constituem “uma forma de vida”. O papel e a responsabilidade de um Imã é, portanto, o de simultaneamente interpretar a fé para a comunidade, e fazer todos os possíveis para melhorar a qualidade e a segurança das suas vidas. Surpreende-me e fico algo frustrado quando os representantes do mundo ocidental – especialmente os media ocidentais – tentam descrever o trabalho da Rede para o Desenvolvimento Aga Khan nos campos da educação, saúde, economia, media, e a construção de infra-estruturas sociais. Reflectindo uma certa tendência histórica do Ocidente de separar o secular do religioso, eles descrevem-no comumente como



filantropia ou empresarial. O que não é entendido é que este trabalho é para nós parte da nossa responsabilidade institucional – faz parte da função do ofício do Imã o melhoramento da qualidade de vida material das comunidades em causa.”¹

Em Fevereiro deste ano, a Universidade de Évora honrou o Aga Khan com o grau de Doutoramento *Honoris Causa*, e contou para a ocasião com notáveis personalidades da vida pública e política de Portugal, incluindo o então presidente da República, Dr. Jorge Sampaio. Dois meses antes, o Aga Khan assinara um protocolo de cooperação e desenvolvimento com o Governo português e com o Patriarcado de Lisboa.

O trabalho institucional e as obras que vai construindo, premiando e patrocinando através das suas instituições, bem como o reconhecimento internacional pelos graus honoríficos que vai recebendo, e as posições assumidas por membros da sua família na direcção das Nações Unidas, reflectem, em grande medida, uma preocupação e vontade de intervir, não numa perspectiva de missionação ou evangelização, mas como parte activa da sociedade humana comprometida eticamente no bem-estar, segurança e prosperidade das sociedades. Nesse processo contributivo, pretende-se mostrar que as comunidades religiosas, em conjunto com as quais se pode e deve construir, podem ser úteis na gestão dos assuntos comuns porque partilham, do ponto de vista ético, de valores que são universais.

Nesta linha de orientação, a democratização das sociedades tem merecido especial reflexão. Para o Aga Khan, é importante notar que 40 por cento das sociedades democráticas no mundo são democracias falhadas. A corrupção, a incapacidade de construir sociedades pluralistas, o desconhecimento de uns sobre os outros, a educação medíocre, parcial, redutora e enviesada; a incompetência na execução de tarefas de alta responsabilidade, sobretudo em cargos políticos, que depois surge desresponsabilizada, e os meios de comunicação que existem não para informar mas para entreter, são factores que contribuem para o falhanço das democracias.

Como parte da responsabilidade que assume enquanto Imã do Tempo, o Aga Khan, acompanhado dos membros da sua família, e confiando nos saberes e valências das suas comunidades, vai intervindo através da sua AKDN. Ao mesmo tempo, como intelectual e profundo conhecedor da realidade internacional, reflecte publicamente o seu desejo de ver actuar democracias de sucesso. Para ele, estas são as que valorizam o **pluralismo**, onde o diferente se revê na história, sociedade e cultura; que consideram a mais-valia da contribuição da **sociedade civil**, deixando intervir comunidades e organizações privadas para a gestão de assuntos aos quais, sozinhos, os governos locais não são capazes de dar resposta; democracias que, acima de tudo, se preocupem com a **educação de excelência**, combatendo a ignorância e integrando o conhecimento das civilizações históricas que contribuíram para a modernidade, incluindo a formação sobre o conhecimento mais básico das civilizações islâmicas, sem o que permaneceremos nesta irremediável realidade de que, a haver um choque, esse será sempre um “choque de ignorâncias”.

*** Faranaz Keshavjee**

Licenciada em Antropologia Social e Mestre em Psicologia Social pelo ISCTE. Mestre em Estudos Islâmicos e Humanidades pelo Institute of Ismaili Studies - IIS Londres. Candidata a Doutoramento pela Universidade de Cambridge, Faculdade de Ciências Sociais e Políticas. Colunista do PÚBLICO. Tutora do curso de Turismo Religioso pela Universidade Católica. Tradutora de obras publicadas pelo IIS – Londres.



Notas

¹ Extracto de discurso de Sua Alteza Aga Khan por ocasião do recebimento do Prémio “Tolerância” pela Academia Evangélica de Tutzing, Alemanha, em 20 de Maio de 2006.



Infografia

O IMAMAT

